

PROGRAMA DA SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO

O dia 18 de junho de 1868 marcou uma grande época.
Ergueu-se um monumento.

Os alicerces foram lançados sob os auspícios de horrenda tempestade... Parecia que terra e céus conspiravam contra uma idéia em sua sublime realização.

Havia tudo a vencer, tudo a criar sem o sorriso lisonjeiro da esperança, sem as cambiantes de amena aurora, sem uma palavra de animação!

Os alvenéis do Partenon eram apóstolos duma crença, como o foram Cefas e Paulo; a uns e outros assistiu a mesma energia moral.

O culto às letras constitui também uma religião, e, como toda a religião, não deixa de ter: um coliseu de martírio, uma coroa de espinho e uma apoteose sobre a lápide a revesti-lo.

O dia 18 de junho abriu o ciclo literário na província, que até então não pudera reunir um núcleo, onde a luz civilizadora se concentrasse nos certames científicos, nos pleitos da tribuna e na discussão transcendente sobre o verdadeiro, o bom e o belo.

É verdade que o pacto fundamental de nossos direitos realizara duas majestosas manifestações da liberdade e do pensamento: a imprensa e as câmaras; porém, perguntamos: essas duas fórmulas satisfazem as aspirações do espírito?

Não.

São realmente arenas para o desenvolvimento de intelectualidades; mas restritas, mas de augusto âmbito para os anelitos de um povo que pensa e é livre.

O rosto popular abrange limitado número de indivíduos, crescendo que as questões ventiladas não podem afastar-se de certa e determinada esfera, como: os melhoramentos locais, a luta e embate de idéias políticas, e em geral a jurisprudência em suas várias irradiações.

No perímetro da imprensa quaisquer pensamentos podem ser exibidos; porém, inda perguntamos: nossa imprensa satisfaz essas condições?

Não.

Exuberantes causas impedem-na. Primo, empresas dessa ordem lutam com o indiferentismo e o elevado custeio que requerem; segundo, quando não frizam-se aos interesses do comércio e indústria, é quase certo morrerem em embrião, motivo por que quase todas são mercantis, excluindo mil outros modos de vida intelectual.

Além disso, a receita mal cobrindo o dispêndio, como podem consentir gratuitamente trabalhos literários e científicos?

Portanto nem os prelos nem os comícios provinciais não preenchendo em toda a latitude os fins de sua criação, não podendo realizá-los na estreiteza das órbitas atuais, não sendo mesmo de sua alçada a multiplicidade de conhecimentos, é certo que havia necessidade imperiosa duma nova instituição.

Esta, graças à boa-vontade de alguns obreiros que medem a grandeza da obra pela extensão do sacrifício, veio felizmente a lume.

É o Partenon Literário.

Refletir como ele nasceu, foi e é — é formar uma cadeia com a série de acontecimentos e peripécias por que tem passado, com as fases lutuosas de sua existência e dizer-se:

Se há elos que recordam glórias, compraram-nas angústias supernas, constantes lutas contra o ceticismo social, que ameaçava abater a cúpula do monumental edifício.

O Partenon criou uma tribuna, para a pugna oratória; uma biblioteca, onde reunirá as obras mais importantes relativas à grandiosa trindade de seus estudos; filosofia, história e literatura; aulas noturnas para os sócios que quiserem dedicar-se sem dificuldades ao grangeio da ciência; e afinal uma revista tão necessária, como as outras criações.

Por que criou a última?

Na antiguidade o vôo e exibição de idéias não tinha, como nos tempos modernos, limites enquanto ao local.

Aristóteles ensina passeiando nas galerias do Liceu, Zeno entre os fustes do Pecílio. Platão à sombra dos plátanos e oliveiras à margem do Cefiso, Sócrates não desmerecia indo discutir com Aspázia em companhia de seus discípulos. As praças, ruas, pórticos, alamedas e ginásios serviam de tribuna, de escola e de academias.

Hoje o invento de Guttemberg e Faust veio suprir esta falta.

Assim o compreendeu o Partenon, criando a revista mensal, que, veículo poderoso, irá ao longe levar os frutos de seus talentos e labutações.

Criando-a, porém, exara em seu frontespício a célebre divisa de Rousseau:

"Vita impendere vero".

Levitas sinceros dum culto não podem ter outra legenda.

As auras benéficas da pátria a protejam.

Deus lhe dispense terno amor, como à vestal que guarda eterna sua capela de laranja.

A geração, que encontramos ao transpor os umbrais da existência, tenha para a planta do nosso amor ao menos um sorriso que vivifique, um vislumbre de animação, que, como o orvalho das noites, lhe inocule seiva e vigor; dando-lhe beleza e graças, fazendo-a produzir flores balsâmicas e frutos doirados.

A semente está lançada nos camaleões da literatura.

Deem-lhe cuidados, e, em breve, gemando a folhagem ao sol do devaneio público, há de ressarcir-lo cabal e latamente.

Se algum espírito cético então surgir, como Hamleto, lançando-lhe um riso de sarcasmo, um olhar de dúvida, temos por única resposta ao arúspice de infortúnio, só duas palavras de S. Agostinho: "Tole, lege".

Erga-se e leia.

São as primícias da mocidade rio-grandense, que, arcando em extrema luta contra a indiferença geral, tem ódio para o passado, coragem para o presente e esperança para o futuro.